



Director literario:

Alcides Amorim
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Juarez Valls
PAPUSSE

NATAL DE 1929



Os heróis deste jornal
os nossos Pim, Pam e Pum
desejam a cada um
dos bebés de Portugal,
— (já taludos ou petizes) —
festas felizes,
folguedos ;
rogando ao Filho divino,
de Maria e S. José,
que é, como vós, pequenino,
vos ponha muitos brinquedos
em cima da chaminé.



- desenho de E. Malta

Eis, finalmente, o Naltal...
Brevemente o ano finda,
dando fim, por nosso mal,
a tanta llusão, tão linda!

Junto ao ramo de pinheiro,
em casa do lavrador,
espalha em roda o braseiro
o seu bemdito calor!

E enquanto a chuva, inclemente,
açoita forte a vidraça,
lá dentro há gente, indiferente
à miséria de quem passa...

Há gente que esquece, olvida,
que dentro de algumas casas,
uma lareira sem vida
é como ave sem asas!

E nem sequer se presume
que o lume tem tal valôr!
Uma lareira sem lume,
é um coração sem amôr!

Entretanto, não há só
os indiferentes. E' certo
que saber sentir o dó
é sentir o céu mais perto!

Em todo o mundo cristão,
todo o devoto da Cruz
que dê aos pobres o pão,
sabe que agrada a Jesus!

A miséria aguarda, calma...
—: Cada criancinha nua
é um pouco de noss'alma
que anda a penar pela rua!

■ F I M ■

O PRESEPIO

por Graciette
de Santa Rita



Esboços de Eduardo Motta



ERA uma vez, na linda e branca aldeiazinha da Nazareth, um lar muito feliz onde cresciam rosas e onde as andorinhas trigueiras teciam seus ninhos. Habitava esse ditoso lar uma Senhora muito meiga e muito linda, que, por seu condão divino, seu generoso coração, seu sorriso consolador de todas as desgraças, era Santa das Santas, Rainha das Rainhas, e hoje por nós venerada com a ingénua e suavíssima graça de «Nossa Senhora».

A seu lado, companheiro fiel, noivo dedicadíssimo vivia o doce José, nascido em berço real, descendente dos velhos e poderosos Reis da Judéa, mas que, a-pesar-de nobre, exercia o modesto mistér de carpinteiro, na branca e alegre casinha onde tudo era Sol, onde tudo era Paz e tudo rescendia a Beleza e a Amor; Auxiliava o Santo sua formosa Noiva na sagrada missão de bemfazer, vestindo nús, sarando chagas, consolando tristezas, purificando na água benta dos seus doces conselhos as almas sem rebanho, que andavam perdidas, a monte.

Ora, numa tarde, em que a puríssima Virgem, sentada em rasteirinho degráu, à porta do seu lar, se entretinha fiando, viu acercar-se de si um formosíssimo Anjo de longas asas brancas e túnica fulgurante, que, pousando a seus pés, se ficou, por momentos, em extática posição, de mãos erguidas.

Bandos de pombas brancas adejavam em derredór da Virgem e o Sol pintava de ouro, gloriosamente, as folhas das laranjeiras.

Então, em misteriosa voz repassada de encantamento e poesia, o Anjo falou assim:

— «Ave Maria, cheia de graça! O Senhor é convosco... o que, em nossa linguagem, significava:

— «Brevemente, num: cestinha doirada, te chegará de França um bonito menino que se chamará menino Jesus.

Num grande e nobre alvorôço, toda nimbada por uma auréola de luz, sorriu-se a Virgem Maria, murmurando humildemente:

— «Faça-se a vossa vontade, Senhor!»

De novo o Anjo bateu as asas, perdendo-se, ao longe, entre o bando de pombas, que, numa grande Alegria festejavam o próximo nascimento do Sagrado Menino.

Nessa noite, ao chegar a casa José, finda a missão caridosa de todo o santo dia, deu-lhe a Amada Esposa a feliz nova, ficando-se Ele em Alegria tão grande, que toda a noite rezou dando graças a Deus.

Para Bethlem havia partido José e a Virgem Maria, quando, passados dias, segundo a estranha profecia, surgiu, sôbre as humildes palhinhas da mangedoura, o formoso menino. O seu corpinho tenro não teve a enfaixá-lo o mais modesto lençol, nem camisinhas teve, nem sapatinhos de lã, nem casaquinhos de flanela, quentinhos e macios, como em geral, teem todos os outros meninos! Mas, — coisa estranha! — os meninos que possuem roupinhas, fôfos bercinhos, agasalhados mantos, costumam chorar desabridamente quando chegam de França!

Este, porém, em tão póbrezinho conchêgo, sôbre as palhinhas ásperas, regeladinho de frio, sorria, docemente, como se estivesse deitado em fôfo colchãozinho de penas.

Com seu bafo quente e maternal, uma vaquinha e uma branca jumentinha que estavam perto, aqueciam-no suavemente, lançando-lhe carinhosos olhares de Amor e humildade. Nossa Senhora e seu amado Esposo, em volta d'Ele, rezavam, mirando o seu rostozinho encantador e afagando-o amorosamente.

Imediatamente se espalhou a feliz nova de que havia nascido o desejado Menino, e logo, de dez léguas em redór,

partiram para a Galiléa os simples pastorinhos, carregados de palmas, flores e cordeirinhos mansos, que iam depôr a seus pés como modestos presentes.

No sagrado Presépio tudo era Fé e Adoração!

Para todos o Menino Jesus sorria gratamente, agradecendo-lhes o Amor e o respeito com que o recebiam no mundo.

Muito longe daí, viviam, em seus reinos poderosos, os Reis Magos, que estando certa noite debruçados nas janelas dos seus palácios, olhando o Céu, nêle divisaram uma estrêla que refulgia e brilhava duma forma singular! Guiados por secreto pressentimento murmuraram entre si:

— «É' sinal de Deus esta estrêla brilhante!

Nasceu o Rabbi! Nasceu Cristo! Partamos! Partamos para Bethlem!»

E, despedindo-se das pessoas queridas, seguindo sempre a estrêla fulgurante, carregados os dromedários de oiro, mirra e incenso, atravessaram cidades, campos, rios, praças, chegando, finalmente, ao sagrado Presépio onde ficaram deslumbrados pela infinita graça do Menino.

No telhado quási desprovido de telhas, pousavam, saltitando, as pombas brancas, que, de corações inquietos e pipilantes biquitos, saúdavam, em esfusante Alegria, a entrada no mundo, do pequerruchinho Deus!

Lá estavam a dócil vaquinha, de olhos infinitamente meigos e profundos, pousados no divino Bêbê, a jumentinha sagrada de carinhosa expressão, aconchegando as palhinhas ao corpo regelado do Menino, a cabriinha de suave brancura, tendo as patinhas dobradas, como joelhada a rezar. De todos os lugares, próximos e distantes, chegavam, carregados de presentes, os modestos aldeões, camponezas devotas, loiras criancinhas de Alma curiosa...

Um sussurro de prece, como hálito divino, palpitava no milagroso curral. Dir-se-ia ouvirem-se órgãos, a distância, em harmônicos acordes, coros suavíssimos de Anjos ocultos

em misteriosas sombras e até perfumes subtís e delicados evolverem-se de ignoradas flores! Tudo era encantamento, mistério, poesia, divindade! Nas Almas, puras mas rudes, dos humildes pastores, cresciam anseios secretos, desejos de chorar por tão suave Alegria, estranhas sensações de emotiva religiosidade.

Barretes sôb os joelhos, terços pendentes das calejadas mãos, olhos postos na frontezinha bemdita, oravam, oravam e pensavam na grandeza infinita extraordinária, enorme, de tão pequeno Menino!

A entrada dos Reis fez-se silenciosamente sem exclamações de admiração por seus dourados mantos e fulgentes diademas de raras pedrarias. Em tão divino ambiente tudo era igual, tudo simples, tudo modesto, não havendo olhos para riquezas nem para misérias.

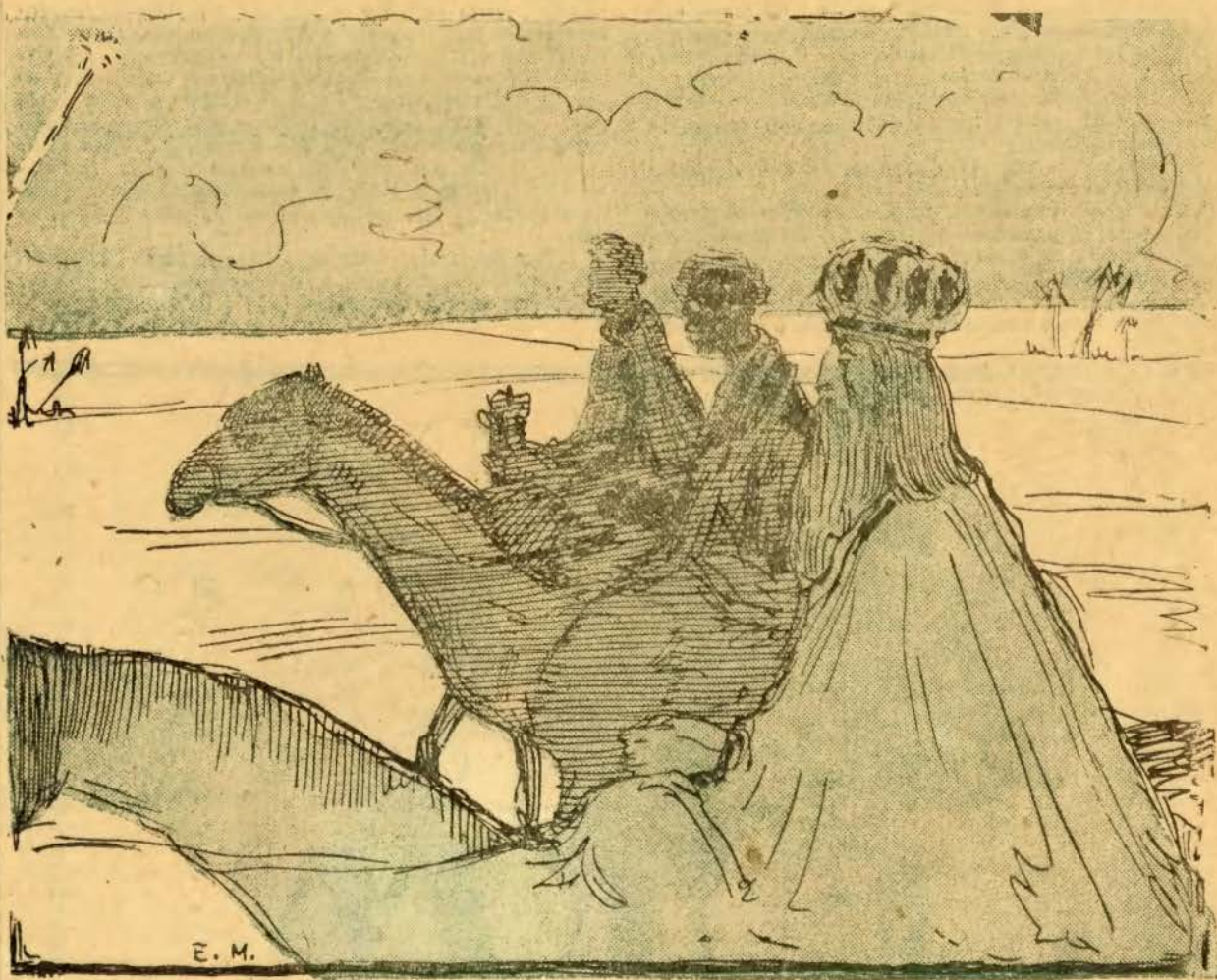
Por isso os Reis, chegando, joelharam lado a lado com andrajosos mendigos, curvando-se a rezar, todos tocados pelo condão misterioso da Graça do Senhor!

Descerrando os lábios numa expressão de Bondade sorriu-se o doce Menino, e logo os devotos Reis avançaram para Ele, rojando as barbas branquinhas sôbre as suas mãos generosas. Comovidamente choram em silêncio, revoltados por tão rígidas palhas onde assentava o corpinho sagrado e, num ímpeto de terna piedade, rasgam seus régios mantos para envolverem nêles o Menino, quando, porém, passando as trêmulas mãos pelas humildes palhinhas, reparam, com estranheza e assombro que elas eram mais macias do que filocos de algodão.

E foi assim, que sôbre as modestas palhinhas da mangedoura, nasceu o Rei dos Reis, o Senhor dos Senhores, por todos os Séculos glorificado como supremo exemplo de doçura e humildade.

Aquele egrégio Rabbi, Aquele Grande Menino, que a seus pés tornou iguais os pastorinhos e os Reis,

F I M



O MELHOR PRÉMIO

POR DEL-NEGRO REDONDO

::: DESENHO DE COSTA PINTO :::

JOAOSINHO contava oito anos apenas. De olhar vivo, génio irrequieto, por vezes ademas senhoris, que lhe davam muita graça, era a alegria e orgulho dos pais. Não obstante reunir também predicados morais que cativam tódas as pessoas que o conheciam, tinha um defeito, defeito aliás grande e lamentável: — simpatisava pouco com os livros.

Substituíra, com satisfação desmedida, o estudo pela brincadeira. O gósto e prazer da escola tinha-o êle sòmente pela hora do recreio.

Uma bela manhã, ei-lo que vai a caminho da escola, de saca a tiracolo e, lá dentro, qualquer coisa, qualquer instrumento da sua arte predilecta, um pião cujo dançar estava agora no seu pequenino cérebro.

As vozes alacres dos seus companheiros atraem-no, fazendo-o, súbitamente, correr. Mas um ligeiro frémito o agita interiormente e uma cólca o assalta. É que já a figura respeitável e simpática do professor assomava à esquina da rua e mais uns passos, estaria lá dentro, na sala da aula, na prisão, sem a lição sabida.

Já vão entrando despreocupadamente os seus companheiros. . . Joãozinho tem o cuidado, inútil claro está, de entrar com o pé direito. Ocupam, emfim, os seus lugares e, dentro em pouco, a lição principia.

Aquele homem, o velho professor, a cujo cargo, que desempenhava com tódo o carinho e competência, estava o ensinamento dos primeiros passos na vida, daqueles pequenos que um dia seriam homens, falou da seguinte forma:

— *«Meus meninos, em breve serão distribuidos alguns prémios áqueles que os merecerem, peia sua aplicação e bom comportamento.»*

Era destes incentivos que êle usava, a fim de despertar nas crianças o brio e o gósto pelo estudo.

De facto, assim, conseguia estimulá-las. E, num alvoroço, cada uma, conjecturando o prémio que lhe caberia, pensava já em mais se esmerar no estudo, para conseguir o prémio apetecido.

Até mesmo Joãozinho se animou com tal idéa. Em breve, porém, lhe passou o entusiasmo, fugindo-lhe o pensamento

para os sapatos que já andavam em relações, bem pouco amistosas, por sinal, com uma grande bola de borracha.

Chegou, finalmente, o dia da distribuição dos prémios, ansiosamente esperado por tódos.

Já na sala da aula tódos dirigem olhares ávidos para a secretária, onde estão dispostos, ordenadamente, vários e sugestivos objectos escolares.

Com palavras mais ou menos elogiosas, sempre estimulantes vai o professor entregando, a cada aluno, um prémio de melhor ou menor valor, conforme as suas aplicações.

Chegou agora a vez de Joãozinho. Que vergonha! Ainda não tinha havido um que não fosse premiado. Iria ser êle, por certo, o primeiro e quem sabe se o único.

Influenciado por estas idéas, ei-lo que se aproxima, tódo tremulo, da secretária.

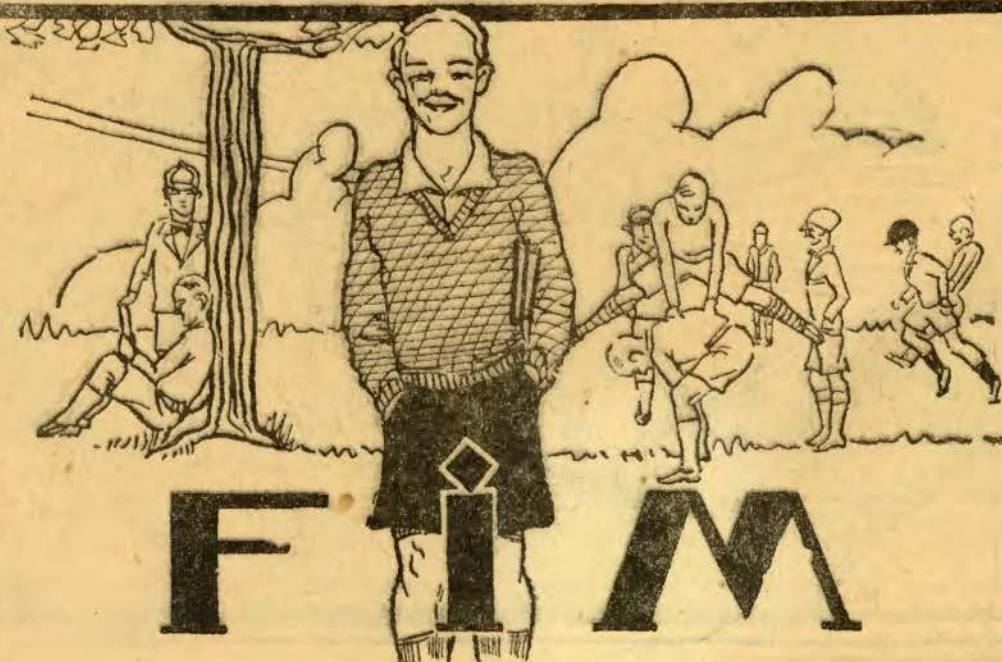
— *«Joãozinho, (diz-lhe o professor, numa inflexão de voz entre severa e branda) eis o que mereceste!»* E, sem mais palavras, entrega-lhe um mísero lápis.

Joãozinho pôs-se, então, a chorar, envergonhado à vista de tão lindos prémios, dos prémios que haviam alcançado os condiscípulos.

No dia seguinte, foi encontrá-los em volta do Alfredo, o mais estudioso e o primeiro premiado. Lia, em voz alta, num livro. Devia ser um lindo livro de contos. Acercando-se deles, ouviu então: — *«Conquistou muitas terras, tomando aos mouros, entre outras, Lisboa, Santarem, Sintra, Evora, etc. Se não fosse êle Portugal não existia.»* Aproximou-se mais e percebeu, emfim, que era um livro de contos, sim, mas de contos reais, que era um livro sagrado: — a História de Portugal. Tinha sido êste o seu prémio e o senhor professor, ao entregar-lho, havia-lhe dito:

— *«Tu, Alfredo, que foste sempre um aluno estudioso aqui tens. Sei que é a recompensa que mais te agrada e aprecias. Vai, pois, estudá-lo já para o próximo ano.»*

Joãozinho sentiu, então, um desejo veemente, de aprender, também, coisas novas, e, corrigindo-se, conseguiu ser mais tarde um aluno exemplar.



ADIVINHA



Onde está o dono desta árvore de Natal?

HORA DE
RECREIO

Substituir os pontos por letras de maneira a formar nomes de rios portugueses.

P.....
O...
...R.
T...
...U..
G.....
A...
L...
M.....
I...
N...
H...
A..
P...
A...
T..
...R.
I..
A..

ADIVI-
NHAS

- 1—Qual é a serra portuguesa que é um monte pequenino?
- 2—Qual é o rio português que está na boca?
- 3—Qual é o rio português que conspirou contra D. José?
- 4—Qual é o rio português que é um ponto cardeal?
- 5—Qual é o rio português que não é direito?
- 6—Qual é a praia portuguesa que existe na roseira?

PARA OS MENINOS COLORIREM



Vejam se descobrem o que Pai Natal foi pôr no sapatinho.

PAI NOEL, PIM, PAM E PUM



Pim Pam Pum...
cada um
sem o sapato num pé,
às escondidas da avó,
e antes de irem ao «ó-ó»
vão pô-lo na chaminé.



— «Que lhes trará Pai Noel
quem e como será ele?!...»
pensa muito comovido
o nosso Pum que é, talvez,
o mais ousado e atrevido
dêles três.



Então, de súbito, acode
à idéia do nosso Pum
— (o que pode
a fantasia!)—
esconderem-se atrás dum
cortinado que existia



ao lado da chaminé;
e aos irmãozinhos diz já;
— «hoje ninguém dormirá,
ficará tudo de pé,
para vermos como é
o Noel nosso papà».



Porém, Noel que adivinha,
tudo que pensa um bébé,
desistiu da chaminé
e foi, em bicos de pés,
pôr debaixo da caminha,
os presentinhos que tinha
reservado para os três.

Entanto Pim, Pum e Pam,
já ao romper da manhã,
foram deitar-se, perdidos
de sono e chorando—«anh, anh!...»
imensamente sentidos;
—«Bem feito!» diz a mamã
ao vê-los desiludidos.



Mas nisto aparece a avó
que, vendo-os chorar, com dó,
tira debaixo da cama
lindos «bonitos» e exclama,
sorrindo, aos vê-los chorar:
— «ei-los, cá estão! Pai Noel
nunca se deixa enganar!»